

A poesia da masculinidade: um estudo da seleção e da apresentação dos *20 poemas clássicos que todo homem deveria ler*, da revista masculina digital *The Art of Manliness*

Arthur Almeida Passos¹

Resumo

Neste artigo, examino a publicação *20 classic poems every man should read* (*20 poemas clássicos que todo homem deveria ler*), da revista masculina digital *The Art of Manliness* (*A Arte da Masculinidade*), a fim de verificar e compreender o que motiva a seleção e a apresentação dos textos poéticos nela incluídos. Os critérios identificados pela pesquisa nesse sentido ultrapassam questões particularmente “masculinas”, mas ressaltam a adesão da revista a valores conservadores. A investigação mostra que a seleção e a apresentação dos referidos poemas na publicação estudada participam da proposta dos fundadores do periódico em resgatar o tempo em que “homens eram homens” – completos, seguros de suas funções e protagonistas da sociedade –, não obstante as críticas hoje sofridas por esse modelo de masculinidade.

Palavras-chave: Poesia. Masculinidade. Clássico. Leitura. Contemporaneidade.

THE POETRY OF MANLINESS: A STUDY OF THE SELECTION AND PRESENTATION OF THE *20 CLASSIC POEMS EVERY MAN SHOULD READ*, BY DIGITAL MEN’S MAGAZINE *THE ART OF MANLINESS*

Abstract

In this paper, I analyze the publication *20 classic poems every man should read*, by *The Art of Manliness*, a digital men’s magazine, aiming to verify and comprehend what motivates the selection and presentation of the poetic texts included in it. The criteria that were identified in this sense surpass particular “masculine” aspects, but highlight the magazine’s commitment to conservative values. This inquiry reveals that the selection and presentation of the referred poems in the analyzed publication participate in the proposal, supported by the founders of the magazine, to rescue the time when “men were men” – complete, sure about their roles, and protagonists of the society –, although this model of manliness has been under debate.

Keywords: Poetry. Manliness. Classic. Reading. Contemporaneity.

¹ Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC/Minas), e-mail arthur-passos@hotmail.com

1 Introdução

Nesta pesquisa, examino a publicação *20 classic poems every man should read (20 poemas clássicos que todo homem deveria ler)*, da revista masculina digital *The Art of Manliness (A Arte da Masculinidade)*, tendo em vista identificar e compreender os critérios levados em conta por Daniel C. Motley *et al.* (2017) para selecionar e apresentar os textos da lista. A investigação é motivada pela curiosidade de descobrir que relações poderiam haver, na perspectiva da revista, entre poesia e masculinidade. Devido a certos preconceitos, postos em discussão no próprio periódico, como o de que “poesia é coisa de mulher”, esses termos parecem ter dificuldade de se aglutinar. Mas suponho, inicialmente, que a palavra “masculinidade” – envolvida há várias décadas numa suposta crise, muitas vezes entendida como diametralmente oposta ao feminismo e à feminilidade e dotada de sentido particular no editorial de *The Art of Manliness* – constitui um dos pontos-chave para a compreensão das estratégias anteriormente mencionadas. Além disso, os poemas elegidos e postos à disposição do leitor da revista na publicação, denominados “clássicos”, participam, em grande medida, do cânone literário ocidental, um conjunto de textos sempre sujeito a discussões e polêmicas nas mais diversas perspectivas, como a do valor estético das obras merecedoras ou não de constituí-lo e a que trata das relações entre cânone e identidade, incluindo a de gênero. Nesse sentido, busco, a fim de compreender a construção do *corpus* analisado, articular a análise do *post* a discussões sobre masculinidade e cânone literário, inicialmente, e a temas pertinentes advindos no decorrer da pesquisa.

2 *The Art of Manliness*: a revista, seus objetivos e a recorrência da literatura

The Art of Manliness é uma revista masculina digital criada em Tulsa, Oklahoma, nos Estados Unidos, em 2008. Segundo Brett McKay, fundador do periódico, sua existência se deve à necessidade de um passatempo, enquanto cursava Direito. Para manter em funcionamento o veículo, que também é apresentado, em seu editorial, como *blog*, Brett conta com o apoio de sua esposa, Kate McKay, e de outros membros, cujas contribuições à revista obedecem aos tópicos vinculados a suas respectivas áreas de atuação: Antonio Centeno, por exemplo, trata de moda clássica masculina, Matt Moore aborda culinária, e Ted Slampyak ilustra muitas das publicações de *The Art of Manliness*.

O editorial da revista postula que o objetivo central de seus idealizadores é “desvendar a arte perdida de ser homem” (MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa). Embora tal definição não seja expressamente dada por Brett e Kate McKay, pode-se dizer, com base na leitura do próprio editorial, que ela se apoia em três atitudes fundamentais com as quais o periódico empenha-se em mostrar ao homem contemporâneo como apreender a referida “arte”: 1) unir valores passadistas e contemporâneos associados à masculinidade, com claro destaque aos primeiros, como indiciam a proposta de retomada da “arte de ser homem” e o apelo à figura do avô de Brett, veterano da Segunda Guerra Mundial; 2) diferenciar-se de outras revistas masculinas, que focalizam, na perspectiva dos autores, temas como “sexo, carros esportivos e definição de abdome”, “roupas caras e a gostosinha do mês” (MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa); e 3) favorecer o estabelecimento e o aperfeiçoamento das relações familiares e sociais do leitor da revista, tendo em vista construir uma “nova geração de grandes *homens*” (MCKAY; MCKAY, 2007, grifo dos autores, tradução nossa).

Para responder a essas atitudes, a revista lança mão de conteúdos diversos, “do sério e filosófico ao prático e divertido”, voltados “aos homens e a seus

desafios e interesses singulares”, por meio de uma abordagem “masculina” (MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa). No conjunto de tais conteúdos, chama a atenção, na revista, a significativa presença da literatura, que não havia sido mencionada entre os temas tratados pelas revistas masculinas de que *The Art of Manliness* busca se distinguir. De acordo com levantamento feito em 12 de outubro de 2018, por meio de exame dos títulos das publicações incluídas na aba *Travel & leisure* (*Viagem e lazer*), existem, no periódico, 64 publicações que tratam, direta ou indiretamente, de literatura, no sentido amplo do termo: há orientações sobre como ler, listas de livros de aventura e de guerra, obras infantojuvenis, aulas sobre literatura, filosofia e mitologia. Assim, além de o conteúdo literário constituir uma recorrência em *The Art of Manliness* – o qual, nesse aspecto, torna-a, de fato, diferente das demais publicações endereçadas ao público masculino –, pode-se afirmar que a literatura, tal como é abordada na revista, dialoga com passado e tradição e procura “melhorar” o leitor do periódico enquanto homem, segundo a concepção de masculinidade que a revista veicula: *The Complete Man* (*O Homem Completo*) (MCKAY, 2014).

3 A proposta de masculinidade em *The Art of Manliness*

Nos três próximos itens, procurarei aprofundar a concepção de masculinidade proposta pela revista, tomando como referência os mesmos objetivos inscritos no editorial do *blog* e outras publicações do periódico que considero relevantes para tanto, como *How to be a man* (*Como ser homem*), ou *Semper virilis: a roadmap to manhood in the 21st century* (*Sempre viril: um itinerário para a masculinidade no século 21*), e *Poetry for men: why men should read a poem* (*Poesia para homens: por que homens deveriam ler um poema*), ou *Be a man. Read a poem* (*Seja homem. Leia um poema*), e lançando mão de discussões realizadas no

âmbito das Ciências Sociais no que concerne aos termos “identidade” e “masculinidade”.

3.1 Apego ao passado e crítica à contemporaneidade

Em duas frases consecutivas do editorial de *The Art of Manliness*, Brett e Kate McKay afirmam que a revista tem o propósito de unir, na construção de sua proposta de masculinidade, passado e presente:

Buscamos descobrir como viver com o orgulho, a virtude e o conhecimento de nossos avôs, nesta época, casando o melhor do passado com o melhor do presente. A meta final é criar uma *sinergia entre tradição e modernidade* que ofereça aos homens o caminho a seguir e sinalize sobre como viver uma vida excelente e pujante. (2007, grifo dos autores, tradução nossa).

Embora os autores digam propor a junção entre o que foi bom no passado e o que é bom no presente, ou entre a “tradição” e a “modernidade”, o editorial assinado por eles enfatiza o antigo. Prova disso é a reverência de Brett McKay por seu avô, William D. Hurst, ex-guarda-florestal e veterano da Segunda Grande Guerra, caracterizado pelo neto como aventureiro, útil, direto e íntegro (MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa). Esse personagem parece tão importante para o fundador do periódico que supera, inclusive, a figura paterna, como indicia a citação, inserida no início da publicação, do historiador e sociólogo estadunidense Lewis Mumford: “Toda geração se revolta contra seus pais e faz amizade com seus avôs.” (*apud* MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa). Aos olhos de Brett McKay, o mais longínquo não é apenas bom, mas é melhor do que o mais próximo. O jogo de forças entre o passado e o presente, com a supremacia do primeiro, é também evidente na adoção de uma perspectiva crítica, em vez de “idealista”, acerca da contemporaneidade. Os autores do editorial

observam negativamente a sociedade, a cultura e, conseqüentemente, o homem dos dias atuais:

Hoje, muitos homens se sentem à deriva, tendo perdido a confiança, o foco, as habilidades e as virtudes que os homens do passado personificavam. Numa sociedade crescentemente andrógina, os homens modernos estão confusos quanto a seu papel e o que significa ser um homem honrado e completo.

As causas desse mal-estar masculino são muitas – desde as culturais às tecnológicas. Um fator é, simplesmente, a falta de direção oferecida aos homens na cultura popular. Revistas masculinas de hoje tratam, em larga medida, de sexo, carros esportivos e definição de abdome. (MCKAY; MCKAY, 2007, tradução nossa).

Com base nesse excerto, pode-se dizer que Brett e Kate McKay (2007) reconhecem um “abismo” entre esses dois tipos de homem, ou, em outras palavras, uma tensão entre a masculinidade representada pelo avô – mais antigo, íntegro e que, por oposição à atual, sabia seu papel enquanto homem – e a masculinidade representada pelo pai – mais contemporâneo, fragmentado, por oposição à antiga, e atônito no que se refere a suas funções enquanto homem. Na perspectiva dos autores, isso acontece porque o homem contemporâneo, ou a figura do pai e do leitor projetado pelas revistas masculinas convencionais, não dá conta de reproduzir os mesmos traços que caracterizavam o homem anterior, ou a figura do avô. Assim, o apego ao passado e a crítica da contemporaneidade e de seus efeitos na formação do homem de hoje parecem tentar responder à fragmentação do sujeito contemporâneo e à chamada crise da masculinidade, amplamente identificadas e discutidas no âmbito das Ciências Sociais e representadas, na perspectiva de Brett e Kate McKay (2007), pelas revistas masculinas das quais *The Art of Manliness* busca se diferenciar.

3.2 Proposta de masculinidade via

diferenciação: reconhecimento e tentativa de superação da fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno e da crise da masculinidade na sociedade contemporânea

Não são raras, em publicações de *The Art of Manliness*, as referências à completude masculina. Como vimos, no próprio editorial da revista, Brett e Kate McKay (2007) mencionam a “integridade” do avô do primeiro, a qual não parece se limitar ao sentido de honestidade que a palavra costuma assumir, e propõem aos leitores a formação de um homem “completo”, em oposição ao homem “confuso”, que compreendo como fragmentado, do mundo contemporâneo. Essa proposta aparece, reiteradamente, numa das principais publicações do periódico, *How to be a man* – a qual Brett McKay (2014), inclusive, alça ao *status* de livro digital. Nesse texto, o fundador da revista inscreve, por cinco vezes e com iniciais maiúsculas, a expressão “*The Complete Man*” e aponta dois caminhos para pô-la em prática: 1) desenvolver e equilibrar as funções de prover, proteger e procriar e 2) “unir força e virtude, aliar austeridade e ternura” (MCKAY, 2014, tradução nossa). Na publicação que defende a leitura de poesia por homens, *Poetry for men: why men should read a poem*, a mesma proposta de juntar pedaços e extremos pode ser identificada, como quando se sustenta que a poesia “fazia parte da educação formal do cavalheiro do passado” e “tem sido escrita e lida por homens de todas as gerações” (KARNITZ, 2011, tradução nossa).

O esforço de *The Art of Manliness* em formar o chamado “Homem Completo” parece constituir uma resposta à fragmentação identitária do sujeito contemporâneo e, ao mesmo tempo, uma tentativa de resgatar certa concepção de masculinidade, expressamente vinculada ao passado (não muito distante, na verdade) e que prevê um homem inteiriço e plenamente consciente de suas funções

enquanto tal. Apoiando-nos nas reflexões de Stuart Hall (2006), poderíamos dizer que o conceito de masculinidade criticado pela revista aqui estudada relaciona-se com o sujeito pós-moderno, ao passo que o entendimento de masculinidade exaltado pelo periódico associa-se com o sujeito do Iluminismo. Nos termos do estudioso, o sujeito pós-moderno é “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”, mas “definida histórica, e não biologicamente” (HALL, 2006, p. 12-13). Em outras palavras, a identidade do sujeito contemporâneo é passível de mudanças, não estando resolvida de antemão, como, por exemplo, na definição do sexo. Não é à toa que Brett e Kate McKay (2007) caracterizam o homem contemporâneo como “confuso” – devido, ao que parece, à própria constituição desse sujeito, sem norte a seguir *a priori* no que se refere a sua identidade masculina – e propõem, por outro lado, a retomada de outro tipo de homem. A referência de masculinidade elegida pelos autores do periódico parece bastante próxima do modelo de sujeito do Iluminismo, conforme exposto por Stuart Hall:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 2006, p. 10-11).

Centro, unidade, essência e interioridade parecem repercutir no modelo de masculinidade veiculado por *The Art of Manliness*. Por um lado, Brett McKay admite a intervenção da história, e não apenas da biologia, na formação do homem contemporâneo, como sucede num trecho da publicação *How to be a man*: “masculinidade é biológica e cultural” (MCKAY, 2014, grifo do autor, tradução nossa). É como se ele reconhecesse,

mesmo em sua proposta de masculinidade, que o homem não nasce pronto. Por outro lado, em outra passagem da mesma publicação, ele enfatiza o aspecto interior e essencial do homem, a quem caberia apenas cumprir um destino já determinado e que se completaria um dia: “Em resumo, viver o código do homem nos impele a ser nosso melhor, a usar *todas* as nossas potencialidades, e assim alcançar a *eudemonia* – o florescimento pleno.” (MCKAY, 2014, grifo do autor, tradução nossa). A referência de masculinidade elegida por Brett McKay é vista com muita desconfiança por Stuart Hall: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma *fantasia*.” (HALL, 2006, p. 13, grifo nosso). O pesquisador parece ter razão no que diz, pois a descrição do avô de Brett McKay, tal como construída no editorial da revista, aproxima-se de uma idealização, na medida em que não percebe no parente nenhum traço negativo. Além disso, o mesmo texto incorre em contradições – consideradas por Stuart Hall (2006, p. 12-13) típicas do sujeito pós-moderno –, como propor um jogo profícuo entre “tradição e modernidade” enfatizando as supostas qualidades da concepção de masculinidade defendida e não mencionando nenhuma que esteja associada ao homem contemporâneo.

Atrelada à noção de fragmentação do sujeito pós-moderno, encontra-se a ideia de crise da masculinidade. Sergio Gomes da Silva (2000) sugere que essa crise, motivada pelas transformações sociais, políticas e históricas no mundo ocidental desde o século XIX, tem como efeito a perda da identidade masculina pelo homem. Segundo o pesquisador, não se trata de um fenômeno recente, mas que remonta, pelo menos, à Era Vitoriana e, desde então, testemunha reações contrárias, como o “culto da masculinidade”, que procuram (re)definir a figura masculina considerada exemplar de cada época. Se na Inglaterra do século XIX o homem era tido como superior à mulher em

termos políticos, sociais e morais, com base em suas capacidades biológicas, e não podia assumir traço algum que o identificasse com o “sexo frágil”, sob pena de ser visto pelos outros como um homem “incompleto”, no Ocidente do século XXI – que conta, por exemplo, com as críticas do feminismo à naturalização dos papéis sexuais e, mais tarde, de gênero (GUERRA *et al.*, 2015) –, a superioridade do homem em relação à mulher, sua “inabalável” integridade masculina e a essencialidade de seu papel na sociedade estão permanentemente em questão. O percurso histórico trilhado por Silva (2000) a respeito do conceito de masculinidade evidencia que esta não é estática nem única, como já apontam as reflexões de Stuart Hall (2006) acerca da identidade pós-moderna, mas se modifica historicamente e pode assumir diversas facetas, inclusive numa mesma época (SILVA, 2000).

Uma vez que se tornou frequente pôr em debate a definição de homem – em especial, no âmbito das Ciências Sociais, com o advento da teoria feminista e dos estudos sobre a masculinidade (MARQUES, 2017) –, seu caráter fixo, natural e ontológico cedeu espaço para a proposição de um termo dinâmico, histórico e mesmo plural na sociedade contemporânea (SILVA, 2000). Mesmo entre aqueles que defendem um conceito mais delimitado de masculinidade, existe diversidade de definições. Jared Trueheart (2018), criador de outra revista masculina digital, *Legends of men*, apresenta outras duas concepções, forjadas no campo da psicologia evolucionista e da filosofia, por Jack Donovan, e da antropologia, por David Gilmore. Com base na leitura das obras *The way of men* e *Manhood in the making*, escritas, respectivamente, pelos autores mencionados, Trueheart mostra que, para Jack Donovan, a masculinidade é definida, tanto na vida tribal como na sociedade hoje, a partir do estabelecimento de uma relação de confiança entre os homens que têm de enfrentar situações perigosas, construída na demonstração

de “quatro virtudes”: “força, coragem, maestria e honra” (TRUEHEART, 2018, tradução nossa), ao passo que, segundo David Gilmore, ser homem consiste em “criar, prover e proteger uma família” (TRUEHEART, 2018, tradução nossa). A última definição é repetida e desenvolvida em detalhes na publicação *How to be man* e também leva em consideração a persistência e a universalidade de tais exigências ao homem, as quais perpassam tempos e espaços diversos, inclusive contemporâneos (TRUEHEART, 2018). Mesmo assim, para o idealizador de *Legends of men*, a masculinidade é algo mais estável do que relativo:

Quando as pessoas escrevem sobre masculinidade é tentador descrevê-la em termos menos definitivos e mais relativos. Masculinidade pode ser qualquer coisa de acordo com elas. Feministas consideram a masculinidade algo que as mulheres podem obter. Mães solteiras dizem que são tanto mães como pais de suas crianças. Mas tudo isso é mentira. (TRUEHEART, 2018, tradução nossa).

No que diz respeito a nossa pesquisa, mais especificamente, Brett e Kate McKay (2007) dizem buscar, por meio de *The Art of Manliness*, um meio-termo entre o “passado”, em que o papel do homem era mais claramente determinado, e a “modernidade”, em que esse papel é submetido a constantes mudanças, na tentativa de estabelecer uma dentre várias masculinidades possíveis no mundo contemporâneo. Já vimos, porém, que o apego ao primeiro termo da equação sobressai; que a expressão usada pelos autores do texto para se referir à sociedade contemporânea, “crescentemente andrógina”, pode soar negativamente de um ponto de vista “pós-moderno”; e que a revista propõe um modelo de identidade que, na perspectiva de Hall (2006), é anacrônico e fantasioso. O periódico, portanto, parece querer retomar alguma distinção entre o masculino e o feminino, ecoando o propósito do culto da masculinidade do século XIX (SILVA, 2000), e recuperar, através de

suas publicações, alguma fixidez relativamente à identidade masculina, conforme o sujeito iluminista proposto por Hall (2006, p. 10-11). Nesse sentido, pode-se afirmar que o *blog* tenta responder à fragmentação do sujeito pós-moderno e à chamada crise da masculinidade – caracterizadas por Brett e Kate McKay (2007) nos termos da androginia e da falta de orientação oferecida ao homem de hoje quanto a seu papel e relacionadas por eles às revistas masculinas das quais procuram se distinguir – de um modo reativo, conservador e tradicional.

3.3 Aperfeiçoamento do caráter do homem contemporâneo via poesia: associação entre poesia e masculinidade

A desconstrução do preconceito segundo o qual “homem que é homem não lê poesia” é realizada por Ty Karnitz (2011), poeta convidado pela revista para escrever sobre o assunto. Intitulada *Poetry for men: why men should read a poem*, a publicação contém, é verdade, elementos que reforçam o apego de *The Art of Manliness* ao passado. Menção de modelos masculinos na condição de leitores de poemas, como os gregos e sumérios, na Antiguidade, e Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos e figura de referência de masculinidade no periódico, em passado mais recente; tentativa de cobrir a ausência de poesia em revistas masculinas da contemporaneidade, consideradas degenerescentes, por alimentarem a “confusão” a que se vê submetido o homem atual, que não teria vivido em crise antes da pós-modernidade; e preocupação em relativizar o caráter “feminino” de textos dessa natureza, fazendo ecoar, em certo sentido, o medo da homossexualidade, característico da concepção de culto da masculinidade (LAQUEUR *apud* HAAG, 2007), são aspectos que participam da publicação como argumentos favoráveis à prática de leitura de poesia por homens.

Apesar das motivações dos argumentos de Ty Karnitz (2011), que servem a uma concepção conservadora e tradicional de masculinidade veiculada por *The Art of Manliness*, não se pode negar o valor da publicação enquanto desconstrutora do preconceito de que “poesia é coisa de mulher”. Ainda hoje, muitos homens acham difícil aceitar e mobilizar comportamentos e atitudes que a cultura tratou de classificar como “femininos” (LISBOA, 1998), mesmo que reconheçam as incoerências e limitações de uma noção extremista de masculinidade, que desconsidere por completo a presença do feminino no masculino e vice-versa. Se isso, de fato, acontece, e, ao mesmo tempo, procura-se convencer tais homens à leitura de poesia, prática que o próprio Karnitz (2011) reconhece como associada à mulher e à sentimentalidade, traço “feminino”, é compreensível que a argumentação adotada pelo articulista busque arrefecer os aspectos “femininos” envolvidos nessa atividade e evidenciar os “masculinos”, seja pela menção de temas culturalmente entendidos como tais, seja pela proposta de identificação com homens exemplares do passado, seja pela reiteração da tentativa de se diferenciar das revistas que prestam uma espécie de desserviço ao homem contemporâneo.

De todo modo, o que importa destacar é a relação entre a proposta de leitura de poesia veiculada por *The Art of Manliness* e o objetivo central da própria revista, isto é, a formação do “Homem Completo”. Seria um contrassenso propor essa referência de masculinidade, por mais problemática que seja, e ignorar a prática da leitura e, mais especificamente – porque toda revista masculina pressupõe um homem leitor, no sentido amplo do termo –, da leitura de poesia. O fato de Brett e Kate McKay (2007) louvarem aspectos do passado não significa que eles pretendam cultivar um sujeito que não leia nem conheça poesia, muito menos a poesia que, no *corpus* a ser analisado, é selecionada e apresentada

como “masculina”. Do contrário, repetiriam as revistas masculinas contemporâneas, com suas questões tidas como superficiais e acessórias. Na perspectiva do periódico, “tradição” não quer dizer ignorância nem se refere a uma masculinidade fundada única e exclusivamente na ação no mundo “real”, elementos que apontariam para um sujeito fragmentado, “confuso”, inconsciente de seu papel enquanto homem. Por isso, *The Art of Manliness* defende, organiza e facilita a leitura de poesia por homens que se querem “completos”. Para Ty Karnitz (2011), inclusive, a leitura de poesia não tem valor apenas em si mesma, exercendo seus efeitos em campo restrito e parcial, mas reflete amplamente na vida do homem:

Ler poesia pode ser difícil e intimidador. Sua linguagem e estrutura são diferentes daquilo a que estamos acostumados, e muitas vezes contém rimas, o que pode ser duro de atravessar. Se o poema é especialmente longo, às vezes é difícil compreender o que você está lendo porque as rimas suplantam as imagens, e você tem de voltar constantemente e reler o poema para ter certeza de que pegou a coisa. Mas, dedicando tempo para ler e entender poesia, você ajuda a si mesmo a construir sua compreensão, e isso pode contribuir em todas as áreas de sua vida. (KARNITZ, 2011, tradução nossa).

Não parece gratuito, portanto, que haja, em *The Art of Manliness*, uma publicação intitulada *20 classic poems every man should read*. Esse título trata a leitura de certos poemas como algo a ser levado em conta pelo homem contemporâneo, reiterando o questionamento da dissociação entre poesia e masculinidade e reafirmando a proposta da revista em formar “homens” de modo abrangente, e caracteriza tais poemas como “clássicos”, fazendo reemergir ideias relacionadas a passado e tradição e indiciando valores que, na perspectiva do periódico, merecem ser transmitidos a seus leitores. É importante ressaltar que o elemento “clássico” torna ainda mais complexa a discussão realizada até aqui: a revista oferece ao público masculino não quaisquer poemas, mas poemas “clássicos”.

Isso implica um recorte significativo no conjunto de textos voltados para o leitor que procura se tornar um “Homem Completo”. Na próxima seção, tentarei articular o termo “clássico” com as questões já abordadas neste trabalho.

4 A publicação *20 classic poems every man should read*

Nos itens anteriores, compreendemos que a revista masculina digital *The Art of Manliness* apresenta a seus leitores, através de seu editorial e de publicações que aqui tratei como relevantes, uma certa proposta de masculinidade. Tal proposta, segundo Brett e Kate McKay (2007), visa a estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, a partir da constatação de que valores, comportamentos e atitudes considerados tipicamente masculinos estão sendo postos de lado e substituídos por uma concepção de homem e de masculinidade que esses autores tentam superar. Por causa dessa espécie de degeneração da definição de homem e de masculinidade, identificada pelos autores na contemporaneidade, o periódico estudado procura diferenciar-se de outras revistas masculinas atuais, servindo de alternativa para os leitores, e fornecer certos elementos que auxiliem o homem de hoje a sair da “confusão” em que se encontra e vencer a “falta de direção” a que se vê submetido. Tais questões parecem estar associadas com a fragmentação do sujeito pós-moderno e com a crise da masculinidade. Assim, não parece ocasional que a revista, embora prometa unir passado e presente, tradição e modernidade, enfatize os primeiros elementos de cada dupla, permitindo que se caracterize como um periódico de valores tradicionais e conservadores. O apego pelo passado e pela tradição é tão patente e recorrente em *The Art of Manliness* que se apresenta, inclusive, em publicações que se pretendem mais “modernas”, como *Be a man. Read a poem*. Nela, procura-

se desconstruir o preconceito segundo o qual masculinidade e poesia são termos inconciliáveis e defender que a leitura de poesia pelo homem é, na verdade, requisito e atividade indispensável para a formação do “Homem Completo” – capaz, inteligente, habilidoso, erudito, universal.

Resumidos os pontos principais do que foi discutido até aqui, passemos à análise da publicação *20 classic poems every man should read*, buscando compreender o que está em jogo na seleção e na apresentação dos textos nela incluídos. Para alcançar esse propósito, dividi o presente tópico em duas partes: na primeira, intitulada *A seleção dos poemas*: o clássico numa perspectiva canônica, examino as relações entre determinados conceitos de “clássico” e o conjunto de poemas incluídos na publicação; na segunda, intitulada *A apresentação dos poemas*: o clássico numa perspectiva educativa, observo as relações entre outros conceitos de “clássico” e a educação do homem proposta na publicação. Uma vez que as definições de “clássico” encontradas durante a pesquisa não parecem excluir-se mutuamente, e as estratégias de seleção e de apresentação dos poemas parecem se entrelaçar, é possível que tais definições e tais estratégias cruzem-se com seus pares em algum momento. Assim, a divisão efetuada neste tópico pretende, apenas, funcionar didaticamente.

4.1 A seleção dos poemas: o clássico numa perspectiva canônica

João Ferreira Duarte (2009) trata, com algum destaque, da associação entre os termos “clássico” e “cânone”. Para o estudioso, o termo “cânone”, no campo dos Estudos Literários, aparece “muitas vezes sob a forma de expressões como ‘os clássicos’ ou ‘as obras-primas’”. Nesse caso, cânone é compreendido, em termos quantitativos, como uma pluralidade de textos ou autores, pois não se constitui de apenas um “clássico” ou “obra-

prima”, mas de vários “clássicos” ou “obras-primas”. Uma vez que o cânone constitui um conjunto de textos ou autores, é natural que esse conjunto seja transposto numa lista, de maneira a organizá-los e torná-los acessíveis a determinado público. É assim no domínio religioso, que trata o cânone como “lista de livros sagrados que a Igreja cristã homologou como transmitindo a palavra de Deus, logo representando a verdade e a lei que deve alicerçar a fé e reger o comportamento da comunidade de crentes.” (DUARTE, 2009), e é assim no domínio literário, que separa, enumera e recomenda certos autores, como Dante Alighieri e William Shakespeare, os “Santos da Poesia” segundo Thomas Carlyle (*apud* DUARTE, 2009). O expediente de selecionar, organizar e listar “clássicos” e “obras-primas”, especificamente da poesia, é repetido em *The Art of Manliness*, na publicação em que a revista propõe a seus leitores a leitura de vinte poemas ditos “clássicos”.

O aspecto quantitativo, porém, não basta para definir o cânone literário, composto por um conjunto de “clássicos”. Os textos que dele participam tem de ter, pelo menos, duas outras características: excelência e perenidade. Nos termos de Ross Murfin e Supryia M. Ray, os clássicos são “obras que adquiriram tão amplo *reconhecimento* que leitores e críticos de muitas gerações concordam que elas têm o *mérito de transcender o período particular em que foram escritas*.” (2009, p. 61, tradução nossa, grifos nossos). Em verbete elaborado por Carlos Ceia (2009), qualidade e permanência também são aspectos recorrentemente mencionados como relevantes para que um texto seja alçado à categoria de clássico ou canônico. Não é à toa que os mesmos atributos pareçam orientar a escolha dos *20 classic poems every man should read*, em *The Art of Manliness*: a lista elaborada para a publicação contém, segundo seus autores, poemas dos “últimos dois mil anos”, que “representam algumas das melhores obras

de poesia já compostas” (MOTLEY *et al.*, 2017, traduções nossas).

Apesar de a publicação ter sido redigida em inglês e fazer parte de uma revista estadunidense, a lista de poemas nela contida não se limita a poetas que escreveram em inglês e muito menos a poetas que nasceram e/ou viveram nos Estados Unidos. Poetas ingleses, como William Shakespeare e T. S. Eliot, e estadunidenses, como Walt Whitman e Jack London, todos escrevendo originalmente na língua inglesa, são, com efeito, maioria na publicação, mas dividem espaço com um poeta chinês, Wang Zhihuan, e um poeta romano, Horácio. Assim, embora todos os poemas incluídos na lista contem ou com sua versão original em inglês, ou com sua tradução, língua e origem comuns não participam de modo decisivo da seleção dos poetas e de seus poemas. As ideias de “cânone”, como um todo, e de “clássico”, em específico, veiculadas pelo texto são um pouco mais amplas, fugindo, ainda que em pequena proporção, tanto a uma definição nacionalista como ocidental do cânone, e valorizando a qualidade dos poemas selecionados: “Embora alguns geralmente definam os clássicos como aqueles textos frequentemente antologizados que se associam ao cânone ocidental, a palavra ‘clássico’ pode ser usada para definir uma obra excepcional saída de qualquer outra tradição cultural.” (MURFIN; RAY, 2009, p. 61, tradução nossa).

O apego ao passado, já identificado e discutido em tópicos anteriores desta pesquisa, repete-se na publicação *20 classic poems every man should read*. Ex-presidentes dos Estados Unidos são introduzidos ou retomados como exemplos de apreciadores de poesia: “John Adams, um dos pais fundadores dos Estados Unidos, recomendava poesia para seu filho John Quincy. Abraham Lincoln e Theodore Roosevelt decoravam seus poemas favoritos.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa), e monarcas em geral

são referenciados como produtores de poesia, atividade que complementava suas obrigações bélicas e administrativas: “Esperava-se dos antigos reis que produzissem poesia ao mesmo tempo em que fossem versados em assuntos de guerra e de estado.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa). A escolha de poetas como Horácio (65 a.C.-8 a.C.), Wang Zhihuan (688-742), William Shakespeare (1564-1616), John Donne (1572-1631) e Thomas Babington (1800-1859) revela a mesma atenção que os organizadores da lista concedem ao passado. O caçula da seleção é também o único poeta negro da lista, Langston Hughes (1902-1967), nascido há mais de um século e morto há mais de cinco décadas. Embora haja poetas de épocas diversas, o que mostra certa flexibilidade dos antologistas relativamente ao período de produção dos poemas, nenhum vive no momento da publicação da lista, assim como os leitores de poesia tomados como modelo.

A predileção por poetas que fogem à contemporaneidade, no sentido do “aqui” e do “agora”, parece sugerir uma concepção mais estabilizada, relativamente ao tempo, do que sejam os “clássicos”. Tal concepção, que privilegia poetas mais antigos, talvez possa ser explicada pela não identificação, da parte dos organizadores da lista, de poetas vivos que transmitam os valores tidos como masculinos que a revista pretende refletir, o que parece se relacionar com o suposto desprezo do sujeito contemporâneo à poesia (MOTLEY *et al.*, 2017), e/ou pela escolha de poetas já consagrados e devidamente inseridos num cânone literário mais geral, formado a partir da apreciação de artistas do verso, críticos literários e leitores em geral. Nesse último caso, especificamente, o tempo constitui condição *sine qua non* para admitir a qualidade de um escritor e incluí-lo, assim como a sua obra, no cânone literário: “Reconhecer um grande escritor, logo que ele surge, é tarefa difícil. Considerando-se que é o tempo e, ao longo deste, a adesão de uma

comunidade de leitores que vão conferir autoridade ao julgamento, há sempre o risco de engano.” (PERRONE-MOISÉS *apud* MAZZOLA, 2015, p. 42).

O posicionamento de Leyla Perrone-Moisés torna bastante clara a proximidade entre os qualificativos excelência e perenidade. O reconhecimento do primeiro atributo depende, de maneira quase necessária, da prova a que o tempo submete a obra literária. A confluência entre qualidade e permanência de uma produção estética é indicada já no século II por Aulo Gélío, quando propõe sua concepção de “clássico”: “deve ser anterior a nós e deve constituir um modelo de referência” (*apud* CEIA, 2009). Não por acaso, o suposto valor dos poemas, capaz de ser reconhecido tanto por leitores inveterados como por aqueles com pouco contato com a poesia, ao lado da prova de sua resistência ao tempo, presente na publicação, é critério para sua seleção no “cânone” proposto por *The Art of Manliness*: “Alguns [poemas] tratam do esforço para se superar, outros de amor romântico, e outros ainda de patriotismo. Independente se você lê poesia há anos ou não lê uma linha desde o ensino médio, esses poemas irão certamente *inspirá-lo e deliciá-lo*.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa, grifo nosso).

Segundo Carlos Ceia (2009), o termo “clássico” pode ser definido em relação a obras da Antiguidade Clássica, como os poemas épicos de Homero e Virgílio, e a outras, produzidas especialmente durante o Renascimento, nelas inspiradas, como as epopeias de Luís de Camões e John Milton. Apesar disso, a épica propriamente dita não faz parte da lista dos *20 classic poems every man should read*. A ausência desses textos na seleção estudada nesta pesquisa é curiosa, uma vez que seus protagonistas, conhecidos por seus atos modelares e heroicos, parecem guardar significativas semelhanças com o modelo de homem proposto por *The Art of Manliness*. O

leitor do periódico poderia, assim, aprender a “ser homem” com tais personagens. A falta de poemas épicos, que se caracterizam, em geral, por sua longa extensão, pode ser compreendida em trecho que introduz a publicação: “[...] não se preocupe – eles [os poemas] foram selecionados por sua brevidade e facilidade de aplicação.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa). Ao tranquilizar o leitor de poesia em potencial quanto à extensão dos poemas, Daniel C. Motley *et al.* (2007) reconhecem que esse aspecto pode se provar um obstáculo, dificultando ou mesmo impedindo que os textos escolhidos sejam lidos, e, por isso, põem de lado até poemas que teriam boas chances de cair no gosto do homem proposto pelo periódico. A dificuldade da leitura de textos longos, admitida pelos organizadores de *20 classic poems every man should read*, parece ser um fenômeno tipicamente contemporâneo, ao qual a revista se vê obrigada a se curvar, e que atinge uma grande parcela da população mundial, até mesmo as classes mais abastadas, acostumadas com a leitura de “qualidade” e com a leitura dos “clássicos” (MAZZOLA, 2015, p. 37):

[...] quando pensamos no cânone literário como uma lista que devemos ler antes de outras coisas (por conta justamente do nosso tempo de vida), coloca-se em causa a própria prática de ler. Em outras palavras, o que é ler, hoje, na sociedade ocidental do século XXI? É como nos tempos de Shakespeare? É como antes da popularização do rádio, da televisão e do nascimento da grande mídia e, com ela, da cultura do espetáculo? Talvez tenha se tornado cada vez mais difícil ler em profundidade à medida que este século envelhece, como nos explica Bloom [...]. (MAZZOLA, 2015, p. 36).

Ora, se hoje se admite que a leitura em profundidade, “a conversa da mente consigo mesma” (MAZZOLA, 2015, p. 37), representa, por motivos diversos (tempo útil indisponível, dificuldades de concentração, disputa com elementos da “cultura do espetáculo”), um grande esforço quando se trata de textos em geral, por que não o seria, em maior intensidade, para textos

longos, como os épicos associados à Antiguidade Clássica? Nesse sentido se explica a opção dos organizadores dos *20 classic poems every man should read* em não incluir epopeias na lista, apesar da associação do gênero com ideais tipicamente vinculados ao homem e à masculinidade, como força, coragem, liderança e honra (DONOVAN *apud* TRUEHEART, 2018). Com base nessas observações, podemos dizer que a prática de leitura da contemporaneidade, na qual os leitores parecem demonstrar menos capacidade de concentração, dispor de menos tempo para tal atividade e ser atraídos por criações do mundo contemporâneo, é também um elemento que participa da elaboração da lista de poemas clássicos proposta por *The Art of Manliness*.

4.2 A apresentação dos poemas: o clássico numa perspectiva educativa

No item anterior, tentei mostrar, estabelecendo um diálogo entre definições de clássico e de cânone literário e destacando excertos do próprio *corpus* estudado, que, em *20 classic poems every man should read*, seus organizadores observam certos critérios para a constituição da lista de textos que compõem a publicação: excelência, perenidade, antiguidade, certa universalidade e brevidade. Neste item, trabalharei com outras concepções de clássico, vinculadas, de modo mais específico, a definições de educação e ao termo “masculinidade” – relacionadas, portanto, com a proposta de educação masculina via poesia proposta por *The Art of Manliness* –, e com textos de apresentação dos poemas selecionados, a fim de encontrar outros critérios para a escolha dos textos e, se for o caso, aprofundar os critérios anteriormente identificados.

Antes de realizar a segunda parte do estudo, é importante ressaltar que a ideia de educação masculina via poesia pode ser verificada tanto no

texto de apresentação da publicação, que expõe alguns dos critérios observados pelos autores para a constituição da seleção de poemas nela contida, como nos textos de apresentação dos poemas propriamente ditos, textos aqueles que parecem evidenciar ainda mais as relações entre poesia, educação e masculinidade, a serviço da formação do “Homem Completo”. Para citar apenas um exemplo de cada caso respectivo, basta recordar o objetivo de *The Art of Manliness* em “inspirar e deliciar” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa) seus leitores através da leitura de determinados poemas, e mencionar um trecho da apresentação do poema *If*, do poeta inglês Rudyard Kipling, o segundo da lista criada pelos autores da publicação: “Ao passo que nem todos tiveram um pai que os ensinasse lições de vida, o mais lido poema de Kipling provê uma educação sobre a vida de que qualquer um pode se beneficiar.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa). A “inspiração”, entendida, no texto, como sinônimo de “motivação”, e a compensação da figura paterna e professoral pela do poeta, que se transmuda naquela através de seu poema, explicitam a pretensão educativa de *The Art of Manliness* ao elaborar uma lista de poemas para o público ao qual esta é destinada: “todo homem”.

A relação entre textos e/ou autores clássicos, de um lado, e educação, de outro, pode ser identificada já na Idade Média. Segundo Carlos Ceia (2009, grifo do autor), nessa época, “um clássico é apenas aquele que [se] estuda numa *classe* e num espaço próprio para o estudo, sem que a excelência do indivíduo ou da sua obra esteja em causa.”. Nesse caso, o sentido do termo “clássico”, vinculado a um espaço escolar, sobrepõe-se à preocupação com a excelência do texto ou do autor estudado, chocando-se com o cuidado dos antologistas de *20 classic poems every man should read* em selecionar “algumas das melhores obras de poesia já compostas” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa). Não é inoportuno chamar a atenção para

o fato de que, em *Be a man. Read a poem*, a imagem que introduz a publicação traz alunos em sala de aula com um livro de poesia nas mãos (KARNITZ, 2018). Assim, embora os autores da publicação examinada neste trabalho sejam criteriosos com a qualidade dos textos selecionados, o objetivo de educar o leitor por meio de textos “clássicos”, no sentido empregado por Ceia (2009) – isto é, textos para serem estudados em sala de aula –, também repercute na lista.

A proposta de educação via poesia construída pelo periódico, reveladora da própria forma de ler poesia que a revista veicula, é recorrentemente indiciada por meio de elementos que constituem a publicação em análise: verbos e substantivos mais ou menos relacionados à educação, como “ensinar”, “mostrar”, “lembrar”, “recordar”, “sabedoria”, “educação”, “meditação/reflexão”, “instrução”; à motivação, como “encorajar”, “mobilizar”, “chamada/convocação”, “tônico”, “inspiração”; e à correção de caráter, como “corretivo”, “ordem”, “advertência”, “admoestação”. A fim de iluminar o significado de tais palavras no contexto da publicação, menciono frases, retiradas, respectivamente, dos poemas *The love song of J. Alfred Prufrock*, de T. S. Eliot, e *Mending wall*, de Robert Frost, que encorajam ora a adesão a comportamentos considerados positivos pela revista, ora a reação a outros tidos como negativos: “De leitura difícil mas recompensadora, o icônico poema de Eliot serve de advertência – não permita que a estranheza da conexão humana impeça-o de construir *relacionamentos significativos*” e “Incentivando a boa relação entre vizinhos e a boa vontade para com os outros, a obra de Frost é um tônico útil contra *o individualismo e o egoísmo do século XXI*” (MOTLEY *et al.*, 2017, traduções nossas, grifos nossos). Vale ressaltar que os “relacionamentos significativos” e “o individualismo e o egoísmo do século XXI” são traços que os fundadores de *The Art of Manliness* querem construir ou desconstruir,

conforme indicado no editorial da revista (MCKAY; MCKAY, 2007).

Esses termos e expressões parecem, portanto, orientar a leitura dos poemas selecionados na publicação de acordo com uma concepção edificante e pragmática da literatura, em geral, e da poesia, em específico. Os organizadores da coletânea exploram, nos referidos textos, aquilo que o leitor pode aprender com eles em termos de valores e de comportamentos, o bom e o mau, o legítimo e o proibido, o sagrado e o profano, o útil e o inútil, fazendo ecoar a concepção de cânone usada pela religião católica (DUARTE, 2009) e destacando aspectos prescritivos, pedagógicos e morais que tais organizadores observam na leitura dos poemas listados na publicação. Não é por acaso, então, que a “facilidade de aplicação” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa) dos poemas seja um critério importante para a seleção dos textos. Essa ideia de literatura, que perpassa constantemente o texto, é, por outro lado, condenada tanto por estetas do calibre de Harold Bloom (*apud* MAZZOLA, 2015, p. 33) quanto por escritores igualmente renomados, como Mario Vargas Llosa (2011). A recorrência das relações entre a literatura e certos valores e comportamentos, exaltados ou condenados na apresentação dos poemas selecionados por Motley *et al.* (2017), evidencia a predileção dos organizadores pelo caráter edificante e pragmático da literatura em detrimento de seu aspecto estético, que, em tese, caracterizaria textos que recebem o rótulo de “literatura” (grafada, muitas vezes, com inicial maiúscula).

Não obstante o predomínio da ideia de edificação do caráter via literatura que percorre a publicação, a dimensão estética dos *20 classic poems every man should read* não é completamente ignorada pelos organizadores da lista. Ela emerge, por exemplo, nas considerações formais, relativamente vagas, acerca dos poemas *Sailing to Byzantium*, de William Butler Yeats, caracterizado

como “rico de belas imagens”, e *On the stork tower*, de Wang Zhihuan, que “provê alimento para o pensamento, enroucado com a linguagem da natureza” (MOTLEY *et al.*, 2017, traduções nossas). Acontece, também, de outras observações estéticas compartilharem a mesma frase com uma leitura prescritiva do poema, como na apresentação do mesmo *Sailing to Byzantium*: “Rico de belas imagens, *Sailing to Byzantium* oferece corretivo para nossa moderna obsessão de perseguir o fantasma da eterna juventude.” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa). Pode ocorrer, ainda, mas uma só vez em toda a publicação, que os aspectos estéticos suplantem os edificantes ou pragmáticos, como na apresentação do poema *A valediction: forbidding mourning*, de John Donne, em que se nota o uso de termos e expressões como “conceito literário”, “metáfora”, “maestria no uso da língua inglesa”, bem como a interpretação da imagem central do poema e a sugestão de para quem ler o texto. Assim, embora os antologistas da publicação frequentemente reduzam a leitura de poesia ao aprendizado de “bons valores”, eles não desconsideram totalmente o caráter estético dos textos. Do contrário, aliás, poderiam contradizer o que se tem como elemento fundamental da literatura – ainda que não esperem que a totalidade do público-alvo, formado tanto por leitores de poesia assíduos como infrequentes, consista de especialistas no gênero – e o objetivo fulcral da revista, isto é, formar o “Homem Completo”, que deve, em tese, conhecer, ainda que minimamente, o aspecto estético desse tipo de texto.

A ênfase dada pelos autores de *20 classic poems every man should read* à transmissão de certos valores encontra-se com reflexões sobre o papel da literatura na educação e sobre as relações da literatura com a identidade. Segundo Sylwester Zielka (2016), a escola, formada por “classes”, é espaço de cultura, onde as crianças têm contato com a literatura. A escola, assim como a publicação

de *The Art of Manliness*, estabelece as escolhas dos livros literários que serão por ela adotados a partir de determinados critérios e valores. Na Polônia, recentemente, um ex-ministro da educação propôs “livros que ajudem a formar características e valores” (ZIELKA, 2016, p. 137, tradução nossa), associados com um certo conceito de nação defendido pelo então governo do país. Não é à toa que a ideia de cânone literário esteja ligada à de “guia” no que concerne ao belo, ao excelente e ao importante (ASSMAN *apud* ZIELKA, 2016, p. 138, tradução nossa) e ultrapasse suas relações com nacionalidades, com as quais o conjunto de obras de uma cultura costuma ser associado, como no estudo de Eduardo Coutinho (2002). Clássicos e obras-primas também podem dialogar com outros tópicos, como a educação, conforme temos visto neste trabalho, e a masculinidade, ou certa ideia do que seja ser um homem, tal como proposta por *The Art of Manliness*.

Recuando, mais uma vez, no tempo, Carlos Ceia (2009) lembra que, na Roma Antiga, os escritores que recebiam o rótulo de “clássicos”, chamados de *scriptor classicus*, tinham como público-alvo “a classe dos mais favorecidos social e politicamente e era, por isso, um escritor notável e exemplar”. O fato de o reconhecimento da obra de um escritor depender do *status* social de sua audiência, identificado por Ceia (2009) no Império Romano, mostra que, ao contrário do que prescrevem alguns autores, como Harold Bloom, a estética não é o único critério que define a recepção favorável de um escritor, ou, em outros termos, sua entrada no cânone literário de uma cultura e sua aquisição do adjetivo “clássico”. Para dar um exemplo de como fatores externos à estética exercem influência no reconhecimento de um escritor, seja ele bom ou mau, vale mencionar um dos estudos de Zahidé Lupinacci Muzart (1995). Segundo a pesquisadora, ainda no Brasil do século XIX, a sociabilidade e o sexo dos autores podiam determinar, mais do que a própria obra, o

reconhecimento pelos pares. Consequentemente, mulheres escritoras, pelos preconceitos da época, tinham pouca visibilidade na literatura nacional, sendo-lhes impossível alcançar o *status* de canônicas ou clássicas, e poetas como Cruz e Sousa, por serem avessos a confrarias literárias, custaram a ter a qualidade de seu trabalho admitida. Marginalizados em menor ou maior grau por uma sociedade machista e por uma comunidade literária com interesses diversos, esses autores guardam alguma semelhança com o *scriptor proletarius* da Roma Antiga, cujo público-alvo era composto pelas “classes letradas de menor condição social” – e não pela elite do Império, formada por cidadãos “do primeiro nível” (MURFIN, RAY, 2009, p. 62, tradução nossa), reunidos sob o título *classicus* –, e que pertencia às “classes baixas” (CEIA, 2009). Do Império Romano ao Brasil do século XIX, é clara a relação entre o cânone literário e o poder.

O “Homem Completo”, proposto por *The Art of Manliness*, é o homem rico de habilidades e de conhecimentos, que procria, provê e protege (MCKAY, 2014; TRUEHEART, 2018), que é forte, corajoso, dominante e honorável (MCKAY, 2014; TRUEHEART, 2018). A antiga logo do periódico, composta por duas figuras masculinas aparentemente distintas, revela a preocupação de Brett McKay (2014) em formar, através da leitura de sua revista, uma espécie de homem sintético, composto, no mais alto nível, de natureza e cultura. Figura que permite interpretação parecida pode ser vista na própria publicação aqui analisada: o homem que nela é retratado lê no intervalo da pesca. Não é à toa que, em *How to be a man*, o criador do periódico recupera o termo *endaimonia*, associado ao desenvolvimento “completo” do homem. É fácil perceber que tais qualidades, valorizadas por *The Art of Manliness*, também se relacionam, em maior ou menor grau, com o poder. O Homem Completo é o homem que pode, inclusive ler “poemas clássicos”. A ruptura com o preconceito

segundo o qual homem não lê poesia, como já sugeri, não tem apenas o propósito de desconstruir um preconceito, mas visa, também, a aumentar o poder masculino. Não é por acaso também que homens poderosos, como ex-presidentes e reis, estão intimamente associados com a poesia nas publicações da revista que tratam do gênero. O leitor que se aventura a ler “poemas clássicos” aproxima-se do Homem Completo, isto é, do homem que pode e que sabe, como as figuras vinculadas às elites políticas, sociais e artísticas. Significativamente, poesia e poder; poeta, presidente e imperador; Estados Unidos e Roma condensam-se numa frase interessantíssima constante de *20 classic poems every man should read*: “Robert Frost disse uma vez a John F. Kennedy que ‘poesia e poder é a fórmula para outra Era Augustana’” (MOTLEY *et al.*, 2017, tradução nossa).

5 Considerações finais

A análise da publicação *20 classic poems every man should read*, da revista *The art of manliness*, mostra que Motley *et al.* (2017) lançam mão de muitos critérios para selecionar e apresentar os poemas contidos na lista que elaboraram: excelência e perenidade reconhecidas, antiguidade, certa universalidade, brevidade, capacidade de ensinar valores “positivos” e rechaçar “negativos”, público-alvo, e relação com o poder. Tais critérios obedecem ao objetivo central da revista, isto é, formar o chamado “Homem Completo”, proposto como dotado de diversas habilidades e conhecimentos, inclusive a leitura de “poemas clássicos”, em resposta à “crescente androginia” da sociedade contemporânea, a qual, para os fundadores do periódico, torna “confuso”, ou fragmentado, o homem deste tempo. Embora a elaboração de uma lista de poemas para o público masculino rompa com o preconceito segundo o qual “homem que é homem não lê poesia”,

essa ruptura ancora-se no passado e na tradição, exaltando valores, atitudes e comportamentos que devolvam ao homem contemporâneo as qualidades que, supostamente, caracterizavam seus antepassados. Assim, a preocupação em selecionar e apresentar poemas ditos clássicos para o público masculino de hoje enfatiza um tempo em que se consideravam mais perceptíveis as distinções entre homens e mulheres – daí a crítica à “sociedade crescentemente andrógina” – e aqueles detinham maior prestígio em relação a estas – daí a definição de um público-alvo masculino no título, a tentativa de recuperar a prática de leitura do gênero poesia por meio da associação a homens poderosos, e a prevalência da concepção edificante e pragmática de literatura sobre os traços estéticos dos poemas listados. Em síntese, a publicação aqui examinada faz parte da proposta dos fundadores de *The Art of Manliness* em resgatar o tempo em que “homens eram homens” (MCKAY; MCKAY, 2007) – completos, seguros de suas funções e protagonistas na sociedade –, ainda que tal concepção de masculinidade seja muito contestada atualmente, e que os critérios de seleção e de apresentação dos poemas empregados por Daniel C. Motley *et al.* (2017) sejam, à moda pós-moderna, um tanto difusos, não dizendo respeito apenas ao sexo masculino, e obedeçam, parcialmente, a certas condições de leitura no mundo contemporâneo, como a baixa disponibilidade de tempo útil, dificuldades de concentração e abundância de recursos tecnológicos atraentes para o homem atual.

Referências

- CEIA, Carlos. Clássico. In: CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. 29 dez. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/classico/>>. Acesso em: 8 dez. 2018.
- COUTINHO, Eduardo F. Discurso literário e construção da identidade brasileira. *Léngua & meia*: revista de literatura e diversidade cultural, Feira de Santana, n. 1, 2002, p. 54-63. Disponível em: <http://leguaemeia.uefs.br/1/1_054_discurso.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.
- DUARTE, João Ferreira. Cânone. In: CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. 29 dez. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/>>. Acesso em: 8 dez. 2018.
- GUERRA, Valeschka Martins *et al.*. Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e saber social*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 72-88, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/14840>>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- HAAG, Carlos. Menino, eu sou é homem, e como sou: novas questões colocam em xeque a masculinidade contemporânea. *Pesquisa Fapesp*, n. 137, p. 83-85, jul. 2007. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2007/07/83-85-homem-137.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KARNITZ, Ty. *Be a man. Read a poem*. Tulsa: The Art of Manliness, 19 jan. 2011. Atualizado em: 28 maio 2018. Disponível em: <<https://www.artofmanliness.com/articles/be-a-man-read-a-poem/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- LISBOA, Maria Regina Azevedo. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Masculino, feminino, plural*: gênero na interdisciplinaridade. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1998. p. 131-138.

- LLOSA, Mario Vargas. “A literatura não é edificante”: o Nobel de 2010 discute a decisão do governo francês de suspender as homenagens oficiais a Louis-Ferdinand Céline, que morreu há 50 anos, por conta de sua militância antissemita. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 19 fev. 2011. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-literatura-nao-e-edificante-imp-,681721>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- MARQUES, António Manuel. Estudos da masculinidade e teoria feminista. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia. Gêneros e sexualidade: interseções e tangentes. Lisboa: CIS-IUL, 2017. p. 39-53. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/18189>>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- MAZZOLA, Renan Belmonte. A formação dos cânones literários e visuais. In: MAZZOLA, Renan Belmonte. *O cânone visual: as belas-artes em discurso* [recurso eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-68. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138600>>. Acesso em: 13 dez. 2018.
- MCKAY, Brett; MCKAY, Kate. *About*. Tulsa: The Art of Manliness, 31 dez. 2007. Disponível em: <<https://www.artofmanliness.com/about-2/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- MCKAY, Brett. *Semper virilis: a roadmap to manhood in the 21st century*. Tulsa: The Art of Manliness, 9 jun. 2014. Atualizado em: 16 out. 2018. Disponível em: <<https://www.artofmanliness.com/articles/semper-virilis-a-roadmap-to-manhood-in-the-21st-century/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- MOTLEY, Daniel C. *et al.* *20 classic poems every man should read*. Tulsa: The Art of Manliness, 12 jun. 2017. Atualizado em: 1 out. 2018. Disponível em: <<https://www.artofmanliness.com/articles/20-best-poems/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- MURFIN, Ross; RAY, Supryia M. *The Bedford glossary of critical and literary terms*. 3. ed. Boston; New York: Bedford/St. Martin's, 2009.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, n. 3, p. 85-93, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277/4657>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- TRUEHEART, Jared. *The two greatest books on manhood: “The way of men” and “Manhood in the making”*. [S.l.]: Legends of Men, 13 jan. 2018. Disponível em: <<http://legendsofmen.com/2018/01/the-greatest-books-on-manhood/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- ZIELKA, Sylwester. The canon as identity narrative. *Miscellanea anthropologica et sociologica*, v. 17, n. 2, p. 135-147, 2016. Disponível em: <<https://maes-online.com/resources/html/article/details?id=145223>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Submissão: 30 de abril de 2019

Aceite: 01 de julho de 2019